



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12148 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT20 - Psicologia da Educação

**RELAÇÕES ENTRE BULLYING E MASSACRES EM ESCOLAS: estudo a partir de Realengo**

Catarina Carneiro Gonçalves - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Fernando César Bezerra de Andrade - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Maria Clara Sena da Silva - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

**RELAÇÕES ENTRE BULLYING E MASSACRES EM ESCOLAS: estudo a partir de Realengo**

**Massacres no Brasil: compreendendo este fenômeno de violência escolar**

Nos últimos anos, chacinas em escolas passaram a compor de forma mais recorrente as violências escolares no Brasil. Analisando as particularidades, nomeamos tais episódios como “Massacre”, aqui conceituado a partir de Gonçalves, Silva e Nascimento (2020): situação de violência extrema na escola, em que perpetrador(es) irrompe(m) uma unidade escolar na qual estudou(aram), com armas de fogo para ferir fisicamente e matar membros da comunidade educativa – docentes, discentes, funcionários (classificando-se também como uma vítima quem perpetra o crime, em caso de suicídio).

Embora saibamos que violências letais ocorrem, também, em outros cenários para além das escolas, destacamos que esses crimes não se confundem com os ocorridos nos demais espaços, pois as instituições educativas, em massacres, estão carregadas de significados negativos para discentes em geral e perpetradores em particular: logo, a escola é escolhida num esforço paradoxal de dar um desfecho a conflitos lá vividos, mesmo que a estratégia cause ainda mais mal-estar (LA TAILLE, 2016).

Quando inventariados os massacres (GONÇALVES; SILVA; NASCIMENTO, 2020), o primeiro registro de um tal evento no Brasil deu-se em 2002. De lá para cá somam-se seis episódios: Salvador (BA, 2002), Taiúva (SP, 2003), Realengo (RJ, 2011), São Caetano do Sul (SP, 2011), Goiânia (GO, 2017) e Suzano (SP, 2019). Nessa sequência o massacre de Realengo teve um lugar de destaque, sendo o primeiro a ganhar notoriedade no Brasil, sobretudo pela ampla letalidade, bem como por seu detalhado planejamento pelo perpetrador: assim, Realengo “[...] pode, certamente, ser considerado um acontecimento com extraordinária força percussiva” (LAGE, 2013, p. 79).

Tal caso foi perpetrado por Wellington de Oliveira, ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, localizada no bairro carioca de Realengo. Em abril de 2011, ele lá retornou, matando 12 crianças e ferindo 12 outras. Por consequência, uma “[...] explosão de narrativas reverberava no noticiário brasileiro [...] o acontecimento se encerrava em Realengo e, ao mesmo tempo, começava a ser tecido e espreado” por um discurso midiático que o explorou exaustivamente (LAGE, 2013, p. 83).

Daí que nos interessou analisar comentários feitos às matérias jornalísticas sobre tal crime, reconhecendo: discursos “[...] que encobrem atividades desumanas em linguagem saneadora deveriam ser tirados de sua capa eufemística”, construída através de leituras de mundo desengajadas moralmente (BANDURA *et.al.*, 2015, p. 58-59).

Consideramos como desengajamentos morais os mecanismos autoexonerativos, produzidos para promover uma reestruturação cognitiva, definida por Hymel *et al.* (2005, p. 2) como “crenças e argumentos que servem para enquadrar condutas não morais de forma positiva”. Como reestruturação da ação, os desengajamentos classificam-se de oito formas (BANDURA, 1999): comparação vantajosa; deslocamento de responsabilidade; difusão de responsabilidade e minimização das consequências; justificativa moral; linguagem eufemística; culpabilização da vítima e desumanização.

Compreendendo a importância da análise em torno dos desengajamentos morais, perguntamo-nos: quais as relações estabelecidas entre bullying e massacre de Realengo em comentários ao discurso midiático? Partindo de tal questão, objetivamos analisar os desengajamentos morais presentes nas relações entre “bullying” e “massacre”, identificadas em comentários a reportagens sobre tal evento. Deste modo, nosso estudo analisa as relações entre bullying e massacre, refletindo sobre as tessituras desengajadas moralmente utilizadas para explicação deste massacre.

### **Tessituras Discursivas: alinhavos metodológicos para compreensão de um fenômeno bastante complexo**

Através de uma abordagem de métodos mistos, levantamos e exploramos 3516

comentários de reportagens acerca do massacre em Realengo, divulgadas no portal da “Folha de São Paulo” em um intervalo de cinco anos: 07/04/2011 (e 07/04/2016).

Com natureza documental, o corpus de dados foi tratado pelo Método de Reinert e pela Análise de Conteúdo de Bardin (2011), mapeando, respectivamente, a frequência com que as palavras apareciam e, ainda, os sentidos em torno de cada grupo de palavras. Para colaborar com a análise qualitativa, usamos o software IRAMUTEQ, o *Typical Text Segments*, que indicou, como categorias mais significativas os termos “bullying” e “armas”.

Neste artigo, para examinarmos a relação com massacres em escolas, apresentamos os dados da primeira dessas categorias, buscando compreender a relação atribuída entre violência sistemática e episódio de Realengo. Os comentários têm nomes autoatribuídos por seus autores/as e foram utilizados por supor-se que sua publicação já autoriza seu emprego. A referência ao ano, após a autoria, indica aquele em que foi registrado pelo sistema.

## **O PESO DOS DESENGAJAMENTOS MORAIS SOBRE TEORIAS SOBRE RELAÇÕES ENTRE BULLYING E MASSACRE NA ESCOLA**

Buscando compreender a tessitura discursiva em torno do Massacre de Realengo encontramos o termo “bullying” como o de maior significância, correspondendo a um percentual de 78,3%, contabilizados a partir de 317 comentários. Este achado, a partir da categorização de seus sentidos, foi organizado em três categorias: 1- Bullying como aspecto motivacional para massacres, em decorrência da vitimização do perpetrador; 2- Bullying como aspecto motivacional para massacres, mas sem vitimização do perpetrador; 3- Ausência de relação entre bullying e massacres.

Considerando o grupo de respostas que estabelecem relações entre o bullying, identificamos a óptica pela qual a vitimização do perpetrador durante sua infância seria a causa suficiente para o ato, que tende a ser legitimado. Ou seja, ser alvo de bullying impele ao massacre e/ou atenua seus efeitos deletérios:

Você quer que sejam imortalizados os covardes que humilharam ele através do bullying? Claro que ele merece ser imortalizado teve coragem que encarar essa tremenda injustiça e inclusive morreu por ela! Quantos teriam a mesma coragem? (BEATRIZ, 2011).

Nestes casos, o ato violento dos massacres é convertido em seu oposto, como expressão

O bullying enquanto causa para o massacre, sem posicionar o perpetrador como vítima é

Realmente o monstro foi criado pela sociedade, concordo com isso. Bullying, esse talvez tenha sido o ponto principal de toda essa tragédia, sei como pessoas diferentes podem ser cruelmente tratadas durante suas vidas (CAIO, 2011).

A relação de causalidade entre bullying e massacre é claramente percebida nesse comentário.

Contrária a essa perspectiva, a terceira categoria diz respeito ao bullying não ser considerado explicação para o massacre:

Esse bullying é um embuste de quem quer vender a pílula dourada. O cara é assassino, religioso fanático e psicopata e estamos conversados, como dizia Aracy de Almeida, e tem mais isso, como em todo o mundo vai se repetir uma vez que está mundanizado (JULIANA, 2011).

De acordo com o Houaiss eletrônico (2009), a palavra “embuste” significa “mentira artilosa, embusteira, embustice, logro”. Já a expressão figurada “[...] vender a pílula dourada”, por definição popular, remete a contar algo difícil de forma branda. Isto é, o bullying é tratado como uma mentira inventada a fim de que a dura verdade não seja dita. Sendo assim, o fato de que o perpetrador sofreu agressões de seus pares na escola é desconsiderado, tanto quanto a difusão de responsabilidade: se o massacre “está mundanizado”, segundo a comentarista, nada poderá ser feito para evitar-se futuros assassinatos. Nesta perspectiva nega-se a relação entre bullying e massacres, mas se sustenta a relação entre a violência extrema e responsabilidade estritamente individual.

Esses comentários evidenciam que o senso comum não só se sustenta às custas de desengajamentos morais, mas suas teorias de causalidade dispensam tanto a escola como toda a comunidade de refletirem criticamente sobre a cultura de violência que perpassa o terreno de construção dos massacres.

A partir dos comentários é possível reconhecer que o perpetrador é fortemente citado em todas as três perspectivas, mesmo que as relações entre bullying e massacre sejam distintas. Conclui-se, assim, que há uma responsabilização individual exclusiva (ou, senão, predominante) pelo ocorrido em Realengo; ora, essa hipótese é demasiado pobre e tradicionalmente reducionista para analisar criticamente esse fenômeno complexo.

Contrariamente a tal forma de pensar a literatura (LA TAILLE, 2009; GONÇALVES; SILVA; NASCIMENTO, 2020), por seu turno, comprova ser a escola a melhor instituição social para tal fim, posto que é espaço de socialização com a diferença, na qual uma cultura da equidade e do republicanismo deve ser assegurado (TOGNETTA; LEPRE, 2022).

Por fim, vale destacar não ser à toa que esse espaço de convivência é escolhido para ser o palco de uma violência extrema, embora, na visão do senso comum, isso seja mero acaso. Em discursos desengajados a escola é isenta do papel que precisaria assumir e enfrentar: como desimplicar uma instituição que, não podendo reproduzir status que precisa questionar, é celeiro e palco de massacres? Tal é o efeito de desengajamentos morais sobre comentários que desenvolvem explicações para a relação entre bullying e o massacre de Realengo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os desengajamentos morais presentes nas relações entre bullying e massacre estabelecidas em comentários de reportagens acerca do massacre em Realengo divulgadas no site da “Folha de São Paulo”, constatamos uma visão bastante reducionista desta relação. Embora os comentários fizessem menção ao bullying, numa suposta reflexão sobre o crime de 2011, paradoxalmente, ajudavam a naturalizá-lo ou negá-lo enquanto violência.

Infelizmente, o bullying foi apresentado, em parte do corpus, como causa suficiente para os massacres – o que não procede, induzindo ao estabelecimento dessa relação entre massacres e violência sistemática na escola. Em outro lado, o bullying foi minimizado, tendo seu efeito devastador questionado ou negado.

Sabemos que analisar um fenômeno apenas por uma via é perigoso. Esse perigo consiste no que já é constatado por alguns pesquisadores (GONÇALVES *et al*, 2021): a perpetuação da problemática. A explosão de discussões que se instauram quando episódios de massacre aparecem na mídia não é suficiente, posto que seguem por uma via restrita, fundamentada nos desengajamentos morais, formando um ciclo de violência que se perpetua pela sua midiaticização.

Por estar inserida no meio social, essas concepções chegam à escola, que ao invés de assumir seu papel de questionar e enfrentar a realidade, acaba por reproduzi-la. Assim como inúmeros fatores são descartados nos comentários aqui analisados, a escolha não aleatória de Wellington pelo lugar que perpetrou o massacre – a escola que estudou – é raramente apontada. Se é na escola que essas relações violentas estão sendo firmadas pelos membros da comunidade escolar, meios de superação devem ser pensados e executados.

Para ressaltar essa condição, a escola precisa repensar o ambiente sociomoral marcado em seu interior pelas regras, valores, formas de convivência entre pares, relações com autoridade e manejo das situações de conflito e violência, criando estratégias de prevenção e superação que incidam na sua própria cultura e desnaturalizando modos violentos de estar juntos.

## REFERÊNCIAS

BANDURA, A. *et. al.* **Desengajamento Moral: Teoria e Pesquisa a Partir da Teoria Social Cognitiva.** Campinas: SP. Mercado de Letras. 2015.

- BANDURA, A. Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. **Personality and Social Psychology Review**, v. 3, p. 193-209, 1999.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- EMBUSTE. In: Michaelis Moderno Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/embuste/>>. Acesso em 16 maio 2022.
- GONÇALVES, C. C. **Concepção e Julgamento Moral de Docentes sobre bullying na escola**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFPB. João Pessoa, 146 p., 2011.
- GONÇALVES, C. C. **Engajamento e Desengajamento Moral de docentes em formação diante de situações de bullying envolvendo alvos típicos e provocadores**. Tese (Doutorado em Educação). UFPB. João Pessoa, 263 p., 2017.
- GONÇALVES, C. C.; SILVA, M. C. S.; NASCIMENTO, V. F. Massacres em escolas: um estudo exploratório do cenário brasileiro. In: ANDRADE, F. C. B.; GONÇALVES, C. C. (org.). **Da violência à convivência: aprendendo e ensinando através dos conflitos na escola**. Curitiba: CRV, 2020, p. 15-34.
- GONÇALVES, C. C.; SILVA, M. C. S.; NASCIMENTO, V. F.; OLIVEIRA, V. C.; MACÊDO, M. C. Resistências à Educação em Direitos Humanos numa cultura de violência: desengajamentos morais, direitos humanos e massacres em escolas. In: ANDRADE, F. C. B.; GOMES, B. V. **Educação em Direitos Humanos: reflexão, pesquisa e intervenção**. Curitiba, PR: CRV, 2021, p.115-141.
- HYMEL, S.; ROCKE-HENDERSON, N.; BONANNO, R. A. Moral Disengagement: A Framework for Understanding Bullying Among Adolescents. **Journal of Social Sciences Oyaziwo Aluede**, Adriana G. McEachern and Special Issue n. 8, p. 1-11, 2005.
- LAGE, L. R. **Elementos de uma poética jornalística do acontecimento: narrativas do massacre de Realengo em Veja e Folha de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFMG. Belo Horizonte, 153 p., 2013.
- LA TAILLE, Y. de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LA TAILLE, Y. de. Moral e ética no mundo contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 29-42, julho/agosto/setembro, 2016.
- LOPES, A. J. Considerações sobre o massacre de Realengo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 37, p. 25–44, julho/2012.
- PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1994.
- TOGNETTA, L.; LEPRE, M. Um Currículo para a promoção da convivência ética e prevenção da violência: por quê? Americana: São Paulo, Adonis, 2022.